

EUA e Guiana fazem manobra militar em região que Venezuela quer anexar

— Embaixada americana em Georgetown diz que operações são rotina, mas analistas afirmam que exercícios aéreos são sinal de dissuasão enviado por Washington a Caracas

GEORGETOWN

Os EUA fizeram ontem exercícios militares aéreos em conjunto com a Guiana na região do Essequibo. A embaixada americana em Georgetown disse que as manobras eram “operações de rotina” para “fortalecer a cooperação regional”. Segundo analistas, porém, a movimentação não tem nada de rotineira e está diretamente ligada à ameaça da Venezuela de anexar a região, rica em petróleo e correspondente a 70% do território guianense.

Para Salvador Raza, diretor do instituto de segurança Cepris e professor da National Defense University, de Washington, é a primeira vez que os EUA fazem operações com a Guiana envolvendo aeronaves. “Neste momento, as manobras carregam uma mensagem de presença, alinhamento de interesses e determinação dos EUA na segurança da Guiana”, disse.

Gunther Rudzit, professor da ESPM e analista em segurança internacional, disse que o anúncio de ontem não surpreende, já que os EUA tiveram exercícios conjuntos com a Guiana em julho. “Este novo treinamento, porém, incluindo aeronaves, é um claro sinal de Washington para Caracas de que eles estão dispostos a defender a Guiana.”

COOPERAÇÃO. As operações são conduzidas pelo Comando Sul dos EUA, que tem acordos de cooperação militar com a Guiana para “preparação de desastres, segurança aérea, marítima e combate a organizações criminosas transnacionais”. “Os EUA seguem comprometidos em serem um parceiro confiável para a Guiana”, afirmou a embaixada.

As atividades refletem o esforço do presidente guianense, Mohamed Irfaan Ali, que buscou aliados para assegurar a defesa do Essequibo, incluindo a possibilidade de um conflito armado. Autoridades de defesa de EUA e Guiana, que assinaram um acordo de cooperação militar em 2022, se reuniram dias antes do plebiscito da Venezuela para discutir o tema.

A aliança com os EUA é vista como uma ameaça em Caracas,

TENSÃO NA FRONTEIRA

Em meio a crise no Essequibo, Forças Armadas da Venezuela têm recursos sensivelmente maiores que o Exército da Guiana

Área em disputa

- BLOCO PETROLÍFERO STABROEK
- MAR REIVINDICADO PELA VENEZUELA
- MAR TERRITORIAL DA GUIANA



Capacidade Militar

VENEZUELA

COOPERAÇÃO MILITAR: RÚSSIA

EFETIVO	123 MIL
MILICIANOS	220 MIL
BLINDADOS	514
ARTILHARIA	545
NAVIOS DE PATRULHA	25
HELICÓPTEROS	118
TANQUES	173
TANQUES LEVES	112
CAÇAS	40
AVIÕES DE TRANSPORTE E USO MISTO	111
HELICÓPTEROS DE ATAQUE	9

SUBMARINO	1
FRAGATAS	2
NAVIOS DE PATRULHA	9
NAVIOS ANFÍBIOS	7
NAVIOS DE LOGÍSTICA	10
SISTEMAS ANTIÁEREOS	12 LONGO ALCANCE; 97 DE MÉDIO E DEFESA DE PONTO
CANHOES ANTIÁEREOS	440

GUIANA

COOPERAÇÃO MILITAR: EUA

EFETIVO	3.400
BLINDADOS (EE-9 CASCAVEL)	6
ARTILHARIA	54
BARCOS DE PATRULHA	5
HELICÓPTEROS	3

em meio a crise no Essequibo, Forças Armadas da Venezuela têm recursos sensivelmente maiores que o Exército da Guiana. Ontem, o ministro da Defesa da Venezuela, Vladimir Padrino López, criticou os exercícios militares. “Essa infeliz provocação dos EUA em favor dos pretorianos da ExxonMobil na Guiana é mais um passo na direção errada. Alertamos que eles não nos desviarão de nossas ações futuras para a recuperação do Essequibo”, disse.

SOLUÇÃO PACÍFICA. O portavoz do Departamento de Estado dos EUA, Matthew Miller, no entanto, disse que os americanos seguirão incentivando a Venezuela e a Guiana a seguirem com o diálogo para uma resolução pacífica do conflito. “Esta questão não é algo que possa ser acordada por meio de um plebiscito”, afirmou.

Após o plebiscito de domingo, o ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, anunciou a criação do Estado de Guiana Essequiba, nomeou o general Alexis Rodríguez Cabello como

autoridade da região e ordenou à estatal PDVSA que distribua licenças para exploração de petróleo. Um novo mapa da Venezuela, com a área anexada, foi confeccionado e será distribuído em todo o país.

As movimentações de Maduro foram criticadas por Irfaan Ali, que chamou a Venezuela de “nação fora da lei” por não respeitar as decisões da Corte Internacional de Justiça (CIJ), que alertou ao regime chavista, no dia 1.º, para evitar qualquer ação que altere o controle da Guiana sobre o Essequibo ou escale as tensões na região.

DIPLOMACIA. Pelo menos em público, os dois países dizem querer resolver o conflito pela via diplomática. A Venezuela defende que ele seja tratado segundo os termos estabelecidos no Acordo de Genebra, de 1966, que prevê a criação de uma comissão mista para delimitar a fronteira. O grupo num-

ca chegou a ser montado.

Em 2018, a Guiana recorreu à CIJ para julgar o caso e pôr um ponto final na disputa. A princípio, a corte apenas reconheceu ter jurisdição para julgar o caso, que segue em aberto, com um parecer pendente. A Venezuela, porém, diz não reconhecer a jurisdição do tribunal.

cado emitido por Caracas, não parece ter sido amigável. Gil teria mencionado a votação esmagadora do plebiscito em favor da anexação do Essequibo, que significaria “um mandato inapelável”, de acordo com a chancelaria venezuelana.

O Conselho de Segurança da ONU se reunirá hoje a portas fechadas para abordar o conflito. A reunião foi um pedido de Todd, protocolado na quarta-feira. Em carta, o chanceler guianense relata as ações da Venezuela “para anexar formalmente e incorporar ao território venezuelano a região do Essequibo, que representa mais de dois terços do território soberano da Guiana”.

“As ações adotadas pela Venezuela não farão mais do que agravar a situação. Sua conduta constitui claramente uma ameaça direta para a paz e a segurança da Guiana, e mais amplamente representa uma ameaça à paz e à segurança de toda a região”, conclui o chanceler na carta.

REIVINDICAÇÃO. Em 1897, a Venezuela e o Reino Unido aceitaram resolver o problema da fronteira por meio de uma arbitragem internacional. O laudo, emitido em 1899, dava a região do Essequibo para os britânicos. Caracas, em princípio, aceitou o resultado.

Nos anos 60, no entanto, a Venezuela alegou que o laudo de 1899 havia sido emitido com base em mapas adulterados, fraude, conspiração e coação dos juizes pelo Reino Unido. O primeiro pedido oficial de Caracas à ONU reivindicando a soberania do território foi feito em 1963, pouco antes da independência da Guiana, em 1966, que herdou a disputa da potência colonial.

Desde então, o conflito foi marcado por escaramuças de fronteira e boatos de invasão pela Venezuela. Em 2015, a crise ganhou um impulso econômico. A Guiana concedeu à ExxonMobil o direito de explorar petróleo na região e não demorou muito para a petroleira americana descobrir 11 bilhões de barris em reservas recuperáveis. Com isso, a Guiana se tornou o maior produtor per capita do mundo, mas aumentou ainda mais a atração da Venezuela pelo Essequibo. ● **AFP**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 14